

QUANDO A MENTIRA VESTE ROUPA DE VERDADE

♦ Pe. Diego Lelis, cmf ♦

“CONHECEREIS A VERDADE, E A VERDADE VOS LIBERTARÁ.” (JO 8,32)

“NÃO TEMAIS OS QUE TUDO DETURPAM PRA NÃO VER A JUSTIÇA VENCER. TENDE MEDO SOMENTE DO MEDO DE QUEM MENTE PRA SOBREVIVER.” (PADRE ZEZINHO)



Imagem: Freepik

Basta um toque na tela dos nossos celulares para vermos aquela avalanche de notificações. Uma mensagem chega, acompanhada de uma frase alarmante, de um vídeo cortado, de um *print* sem contexto, de uma acusação lançada como pedra com a intenção de ferir e de levar outros a também ferirem. Antes mesmo de perguntar se aquilo é verdade, o coração já se agita. A indignação vem depressa; a vontade de repassar, também, afinal, a mensagem parece fazer sentido, confirma aquilo que já pensávamos, reforça aquilo que tínhamos, alimenta aquilo que gostaríamos que fosse verdade.

Assim, quase sem perceber, nossas mãos se tornam mensageiras de algo que talvez nunca tenha acontecido. Uma palavra que não foi dita. Uma imagem que foi manipulada. Uma vida que passa a ser julgada a partir de fragmentos.

Há uma antiga fábula que ajuda a compreender essa realidade. Conta-se que, certo dia, a Verdade e a Mentira se encontraram. A Mentira, muito esperta, convidou a Verdade para se banharem juntas em um poço. A Verdade, simples e confiante, aceitou. Ao entrar na água, deixou suas vestes à beira do poço. A Mentira, então, saiu primeiro, vestiu as roupas da Verdade e foi embora pelo mundo. Quando a Verdade percebeu o engano, recusou-se a vestir as roupas da Mentira. Desde então, diz a fábula, a Mentira anda pelo mundo vestida com as roupas da Verdade, enquanto a Verdade, nua e exposta, muitas vezes é rejeitada pelos que não suportam vê-la sem adornos.

A imagem é forte, talvez porque fale muito do nosso tempo. A mentira raramente se apresenta como mentira; se viesse com seu rosto verdadeiro, talvez a rejeitássemos com mais facilidade. Ela se veste bem. Usa palavras bonitas. Aparece como zelo pela moral, defesa da fé, cuidado com a família, compromisso com a justiça, preocupação com a Igreja, amor à verdade. Algumas vezes, chega até com versículo bíblico, música religiosa e discurso piedoso. Mas uma mentira dita em nome de Deus continua sendo mentira e nenhuma mentira, por mais bem vestida que esteja, pode gerar vida e ocupar o lugar da verdade.

É precisamente aqui que o Evangelho nos chama à conversão. Jesus afirma: “Conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará” (Jo 8,32). Essa frase, tantas vezes repetida, não pode ser reduzida a um jargão religioso ou a uma arma para vencer debates. A verdade de Cristo não é instrumento de humilhação. Não é licença para destruir reputações. Não é pedra nas mãos dos moralistas. A verdade de Jesus liberta porque vem unida ao amor, à justiça, à misericórdia e ao cuidado.

A história do povo de Deus está marcada por pessoas feridas pela mentira. José foi vendido pelos próprios irmãos e dado como morto ao pai, que chorou uma perda construída sobre uma falsidade. Suzana, mulher justa, foi acusada por homens perversos que tentaram usar a mentira para encobrir sua própria maldade. A mulher levada até Jesus sob acusação de adultério foi colocada no centro da praça como se sua vida pudesse ser reduzida ao erro, à suspeita ou ao desejo de condenação dos outros. O próprio Jesus, homem da verdade, foi caluniado, distorcido, acusado e condenado por aqueles que não suportavam a liberdade do seu amor.

Nada disso ficou preso ao passado. Hoje, as praças têm outros formatos; algumas cabem na palma da mão. Nelas, pessoas são julgadas sem defesa, condenadas, expostas sem misericórdia. A cada mensagem repassada sem responsabilidade, a cada *print* compartilhado sem contexto, a cada vídeo editado para destruir alguém a mentira veste novamente as roupas da verdade e sai caminhando pelas nossas casas, comunidades, escolas, igrejas e famílias.

Há palavras que são como setas. Depois de lançadas, ferem. Como dizia a sabedoria simples de nossas mães, depois que o leite derrama, não é fácil recolher. Uma reputação atingida, uma família envergonhada, uma amizade rompida, uma comunidade dividida, uma pessoa esmagada pela calúnia carregam marcas. A mentira não fere apenas quem é acusado, ela também deforma o coração de quem acusa, de quem compartilha aquilo, de quem se alegra secretamente com a queda do outro ou ainda de quem acusa, justamente, para lançar luzes sobre o erro do outro e evitar que olhem para o seu.

Por tudo isso, não basta dizer que defendemos a verdade. É preciso perguntar que tipo de verdade defendemos e com que espírito fazemos isso. Há quem usa a verdade sem caridade e, ao fazer isso, transforma até um fato verdadeiro em instrumento de crueldade. Há quem seleciona apenas uma parte da realidade para justificar sua raiva. Há quem veste suas opiniões pessoais com

aparência de Evangelho. Há quem confunde fidelidade com dureza, zelo com agressividade, correção fraterna com exposição pública.

Jesus não compactuou com a mentira. Nunca. Mas também não permitiu que a verdade fosse manipulada pela violência. Diante da mulher acusada, Ele não entrou no jogo dos acusadores. Não se deixou arrastar pela pressa de condenar. Escreveu no chão, fez silêncio, obrigou cada um a olhar para dentro de si. “Quem não tiver pecado, atire a primeira pedra” (Jo 8,7). Naquele momento, a verdade não foi negada, mas foi purificada da hipocrisia. A vida daquela mulher deixou de ser espetáculo nas mãos dos outros e voltou a ser lugar possível de recomeço.

Talvez precisemos reaprender esse gesto de Jesus. Antes de repassar, verificar. Antes de acusar, escutar. Antes de julgar, rezar. A prudência também é uma forma de caridade.

A verdade cristã exige coragem, mas também ternura. Exige firmeza, mas também humildade. Exige compromisso com a justiça, mas jamais autoriza a destruição da dignidade humana. Quem segue o Mestre de Nazaré não pode fazer da mentira uma ferramenta, nem da verdade uma pedra. Nossa palavra deve promover vida. Nossas mãos não devem espalhar a semente do joio. Nossos olhos precisam aprender a ver o outro não como inimigo, mas como irmão, mesmo quando for necessário corrigir, discordar ou denunciar.

No fundo, o cuidado com a verdade é também cuidado com o coração. Uma sociedade que se acostuma com a mentira adoce por dentro. Uma comunidade que vive de suspeitas perde a alegria da confiança. Uma família que se alimenta de acusações desaprende a fraternidade e a partilha sincera de vida.

Que a verdade volte a vestir suas próprias roupas entre nós. Que não tenhamos medo dela, mesmo quando ela nos desinstala. A verdade que vem de Deus não precisa destruir para libertar. Ela ilumina. Cura. Corrige. Reconcilia. Abre caminho.

Senhor, homem da verdade, guarda nossas palavras e nossas mãos. Livra-nos da pressa de julgar, da alegria em acusar e da tentação de espalhar aquilo que não sabemos se é verdadeiro. Dá-nos corações comprometidos com a verdade que liberta, olhos capazes de misericórdia e coragem para não vestir a mentira com roupas da verdade. Que nossas palavras promovam vida, justiça e dignidade e que, diante de cada rosto ferido, saibamos recordar que só a verdade unida ao amor é capaz de nos tornar verdadeiramente livres. Amém. ●